

**José Luiz Izidoro**  
**Paulo Nogueira**

## ***Apresentação***

RIBLA tem sido um espaço privilegiado para a reflexão bíblica na América Latina e no Caribe na perspectiva dos excluídos e empobrecidos. Nenhuma publicação dedicou mais páginas e textos a reflexões bíblicas sob esse olhar. As relações econômicas, sociais e políticas de exploração dos pobres têm sido um eixo permanente no estudo dos textos do passado, na Bíblia, e no presente, nos leitores contemporâneos das Escrituras Sagradas em nossas terras. Essas leituras, feitas em torno dos eixos das opressões e dos clamores dos oprimidos, têm também trazido implicações para dentro do campo religioso e das estruturas eclesiais de poder. Nesse sentido RIBLA também vem se constituindo num espaço de reflexão sobre dominações nas igrejas e nas comunidades.

Dito isso, podemos afirmar que esta Revista representa um espaço privilegiado para se incluírem reflexões sobre os textos apócrifos do cristianismo primitivo. Por vários motivos. O primeiro é que esses textos têm sido deixados de lado no estudo e reflexão das comunidades cristãs devido a preconceitos clericais e teológicos conservadores. Eles são relegados ao papel de testemunhas silenciadas de formas de cristianismo de grupos oprimidos. Dar voz a esses textos é uma tarefa que poucas publicações em nosso meio podem cumprir. O segundo é que RIBLA, devido a sua ênfase no pobre e no excluído, também tem uma missão implícita ao veicular suas expressões culturais e religiosas. Ou seja, não se trata apenas de tomá-los como tema e objeto de estudo, mas de ouvir *sua própria* construção de mundo, seus medos, anseios, construções de identidade e de memória. Nesse sentido o estudo

dos apócrifos do Novo Testamento é um privilégio para os que amam a Bíblia e a história do seu povo.

É sabido que cerca de 99% da população do Império Romano pertencia às classes subalternas, em diferentes níveis. Homens e mulheres comuns, em diferentes graus de dominação, exclusão e pobreza. Mas com uma única certeza: jamais pertenceriam às elites. Essas eram definidas por nascimento, estamento, posses e terra. Expressavam-se por meio de literatura elaborada e sofisticada. Curiosamente desse 1% temos uma farta documentação histórica, que vai de artefatos materiais, arquitetura monumental e quotidiana até textos em todos os gêneros literários possíveis. Os demais 99% são sub-representados, principalmente quando perguntamos por suas categorias culturais e suas expressões religiosas.

Nesse sentido, nossos apócrifos, textos que vão do século 1º (!) até o século 5º, são preciosos testemunhos dessas práticas populares. Podemos por meio desses textos ouvir atentamente os medos, anseios e práticas desses homens e mulheres silenciados pela documentação escassa. Se somarmos esse material a papiros mágicos, manuais de adivinhação astrológica, guias de interpretação de sonhos, podemos, aos poucos, pacientemente, reconstruir categorias mentais e estruturas de pensamento das classes baixas do Mediterrâneo. E entre eles, dos cristãos. Será um exercício precioso de escuta popular.

Entre esses textos se destacam os Atos Apócrifos. Neles leremos pouco, ou quase nada, sobre debates doutrinários, sofisticadas apologias etc. Nossos textos relatam as construções das memórias dos apóstolos, representados como poderosos milagreiros, que viajavam por todos os cantos do império para curar, pregar, subverter relações. E, por fim, imitavam o Cristo em sua morte heroica. Neles emergem as complexas relações domésticas e públicas dos cristãos. Os temas da sexualidade, das crianças, das mulheres, do trabalho, da praça pública, do mercado, dos concorrentes internos e externos. E Roma! Tudo está lá de forma muito marcada pelo olhar da cultura popular, do andar de baixo.

Outro aspecto que nos motiva a estudar os Atos Apócrifos é o fato de que ao refletirem a religiosidade popular, de amplas camadas dos estratos de baixo do Império, eles nos convidam a dialogar com as religiosidades populares da América Latina e do Caribe. Há um conjunto imenso de expressões e práticas religiosas

em nosso continente que mal podem ser classificadas, pois são híbridas, sincréticas e dinâmicas. É por meio dessas espiritualidades que o povo articula identidade, memória e estratégias para sobreviver nas duras condições de nossas sociedades. Entendemos que o compromisso popular e ecumênico de RIBLA faz dela um espaço privilegiado para reflexões sobre o popular entre a Bíblia (incluindo os apócrifos) e o complexo universo das práticas religiosas populares.

Esta edição de RIBLA é um convite para o estudo desse fascinante universo. Apenas abrimos picadas, sugerimos possibilidades. Há muito mais o que fazer. Nosso desejo é que esses artigos motivem os intérpretes latino-americanos a trabalharem intensivamente com os textos na busca pelo cristianismo primitivo popular, no passado e no mundo contemporâneo.